

História da (re) territorialização dos sergipanos no “Norte Novo” (Paraná, 1970)

Janaína C. de Mello*
Sandra C. A. Pelegrini**

Resumo

O artigo trata das (re)territorialização ou das migrações de sergipanos para a região do Norte Novo do Paraná durante a década de 1970. No momento em que o processo de incentivo à industrialização urbana se acentua em Sergipe e impulsiona áreas como a capital Aracaju, atraindo fluxos migratórios internos, alguns sergipanos fazem a opção por um fluxo migratório de longa distância buscando as novas oportunidades da diversificação econômica do sul. Os dados dos censos do IBGE, IPEA, SUDENE, dentre outros, localizados em bibliotecas, arquivos e institutos do Paraná e de Sergipe, auxiliam nos procedimentos de constituição de uma demografia histórica ainda pouco expressiva na historiografia sergipana. Ao acompanhar a trajetória dos migrantes, saindo das informações generalizadas, reforça-se a memória de nordestinos que ajudaram a construir o sul do país.

Palavras-chave: (Re)territorialização; Norte Novo do Paraná; Sergipanos.

Abstract

The article deals with the migrations of sergipanos to the new northern region of Paraná during the 1970. At the time when the process of encouraging urban industrialization is accentuated in Sergipe and drives areas such as the capital Aracaju, attracting internal migratory flows, some sergipanos make the option for a long-distance migratory stream seeking the new opportunities for the economic diversification of the South. The census data of IBGE, IPEA, SUDENE, among others, located in libraries, archives and institutes of Paraná and Sergipe, assist in the procedures of Constitution of a historical demographic still not expressive in the Sergipe historiography. By following the trajectory of the migrants, coming out of the generalized information, the memory of northeastern people is reinforced that helped to build the south of the country.

Keywords: (re)territorialization; Migrations; New North of Paraná; Sergipanos.

* UFS/Campus de São Cristóvão.

** UEM/Campus de Maringá.



Introdução

Pensar a historicidade de um espaço requer levantar os dados sobre sua população (nacionalidade, naturalidade, ocupação, etc.) e sua movimentação ao longo do tempo. As entradas de pessoas nascidas em outros países ou estados da federação envolvem processos de adaptação socioeconômica e ressignificações culturais. O “outro” sempre carrega consigo bagagens diferenciadas que podem contribuir para novos olhares, novos hábitos e até mesmo novos conflitos. As saídas da população de origem em direção a outro território também não podem ser desprezadas, uma vez que evidenciam não apenas opções pessoais pela “mudança de paisagem”, mas também problemas de falta de oportunidade de uma vida mais plena (mormente, o desemprego, baixos valores remuneratórios e a violência são exemplos de motivações para o abandono do lugar materno).

O fluxo populacional de entrada e saída de um espaço geográfico ao outro tem sido denominado de “migração” e o campo das Ciências Sociais que engloba pesquisas na área de História, Economia, Geografia, Sociologia, dentre outras, sobre o fluxo populacional ao longo do tempo em distintas geografias convencionou-se chamar de “Demografia Histórica” e ao estudar

[...] o estado e os movimentos daquelas populações, procura identificar as causas e consequências de tais fenômenos, bem como explicitar as inter-relações, destes, com outros elementos da vida em sociedade.¹

Inicialmente a Demografia Histórica ocupou-se dos estudos sobre a reconstituição das famílias em períodos pré-censitários, com base em registros paroquiais, tendo como norte as técnicas propostas por Louis Henry entre os anos de 1950 e 1970.² Com a chegada dos censos e da informatização dos dados, os procedimentos de coleta e análise tornaram-se mais usuais e novas proposições de estudos sobre as populações emergiram.

Apesar deste já ser um campo consolidado no Brasil, as investigações no âmbito da Demografia Histórica para Sergipe ainda são escassas e pouco divulgadas, principalmente no que diz respeito ao fluxo migratório ocorrido entre 1960 e 1970 para a região sul do país, refletindo na povoação no norte do Paraná.

1 COSTA, Iraci Del Nero da. Demografia Histórica: Algumas Observações. *SÆCULUM* - Revista de História [24]; João Pessoa, jan./ jun. 2011, pp.213-225. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/viewFile/12443/7205>, acesso em: 10/01/2018, p.213.

2 Cf. HENRY, L. *Anciennes familles Genevoises*. Paris: INED, 1956; HENRY, L.; BALHANA, A.P., CARDOSO, J.A. *Técnicas de análise em demografia histórica*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1977; HENRY, L. *Manual de demografia histórica: Técnicas de análisis*, Barcelona: Grijalbo, 1983.



Sob esse aspecto a recorrência às fontes do recenseamento realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o estado do Paraná de 1970, os relatórios e mensagens dos governadores do estado do Paraná de 1968, documentos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), da Consultoria Econômica e Planejamento (CEPLAN) e Censos Agropecuários de 1970, dados do Instituto de Pesquisas Estatísticas Aplicadas (IPEA) sobre o PIB do Nordeste e seus estados constituintes, além do Anuário Estatístico de Sergipe de 1970 editado pela SEPLAN-SE, tornam-se fontes essenciais para descortinar os dados quantitativos capaz de remontar a história das migrações de sergipanos para o Norte Novo no Paraná, em 1970.

Para isso é necessário questionar: quais os condicionantes de tal comportamento migratório dos sergipanos para o sul do país, quais são suas causas e consequências?

Um olhar sobre os locais de guarda paranaenses que acondicionam essas fontes revela o importante papel das bibliotecas como: a Biblioteca Pública do Estado do Paraná (Seção de Documentação Paranaense), a Biblioteca do Departamento Estadual de Estatística, a Biblioteca do IBGE, a Biblioteca do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, todas localizadas em Curitiba; o acervo da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (referencial bibliográfico), a Biblioteca do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM), além do próprio Museu da Bacia do Paraná (UEM).

Em Sergipe são fundamentais a Biblioteca Epifânio Dória, o Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) e o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), além da biblioteca e arquivo do IBGE, todos em Aracaju; as bibliotecas do Departamento de História, do Departamento de Geografia e do Departamento de Economia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A década de 1970 e o eixo migratório de Sergipe ao Norte Novo do Paraná

No contexto histórico-econômico de Sergipe na década de 1950m os investimentos realizados durante do governo do general Ernesto Geisel (1974-1979), vinculados à SUDENE e ao II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), no âmbito das indústrias implicaram avanços. O estado obteve a aprovação de vários projetos industriais pela Sudene com Recursos do Sistema 34/18-Finor (1963-1988) e desse modo:

A chamada indústria tradicional, de bens de consumo não-duráveis, participou com 43 dos novos projetos e os setores mais novos, produtores de bens intermediários ou bens de capital, contavam com 35 projetos. Entre as indústrias



tradicionais destacaram-se o setor têxtil, que aprovou 30 projetos, o de alimentos, que aprovou nove projetos, e o de vestuário e calçados, que aprovou cinco projetos. [...]. Na indústria de bens intermediários, novos segmentos começavam a se consolidar na estrutura industrial de Sergipe: minerais não-metálicos, 12 projetos; química, 10 projetos; e papel e papelão, cinco projetos.³

Agregando-se ao desenvolvimento do setor industrial sergipano os insumos recebidos particularmente nas áreas de petróleo, química, petroquímica e fertilizante. Tendo Sergipe sido o segundo maior estado produtor de petróleo do país durante os anos de 1970, com a Petrobrás, além do avanço no segmento de mineração. Fatores que incentivaram o crescimento de sua economia em 10,2%.⁴

Se por um lado, entre as décadas de 1960 e 1970, ocorre uma significativa expansão da indústria e em seu bojo, do comércio, de novos postos de trabalho e do setor imobiliários (acarretando um novo ordenamento sócio espacial, principalmente na capital Aracaju), por outro há uma profunda desvalorização da agricultura que até aquele momento tinha sido a principal atividade econômica do estado.⁵ Ressalta-se ainda que:

Aliado a essas mudanças, o desenvolvimento urbano de Sergipe foi marcado pela fundação da UFS - Universidade Federal de Sergipe (1968); a construção do Tecarmo – Terminal Marítimo de Carmópolis (1970), a implantação da Petromissa – Petrobrás Mineradora (1976) e, da Nitrofertil – Nitrogenados do Nordeste (1978), as construções dos conjuntos habitacionais (1950-2002) e do DIA - Distrito Industrial de Aracaju (1971).⁶

As novas oportunidades seguiam as premissas de novos espaços de acumulação e concentração de capital alterando, portanto, o predomínio das atividades rurais pelas urbanas, com novas demandas, fluxos migratórios internos do campo para a cidade e consequente marginalização de várias famílias.

3 MELO, Ricardo Oliveira Lacerda de; SUBRINHO, Josué Modesto dos Passos; FEITOSA, Cid Olival. Indústria e Desenvolvimento em Sergipe. *REN – Revista Econômica do Nordeste*, Volume 40, Nº 02, Abril – Junho, 2009, pp.331-343. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=1133, acesso em: 12/01/2018, p.339.

4 Idem, ibidem, pp.340-341.

5 MENEZES, Cassio Roberto Conceição; VASCONCELOS, Jaides Fontes. O Estado de Sergipe: da urbanização à formação metropolitana. *Revista Espaço Acadêmico*, Ano XI, Nº 121, Maringá, junho de 2011, pp.144-151. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/11927/7073>, acesso em: 12/01/2018, p.146.

6 Idem, ibidem, p.147.



Tabela 1: Taxas anuais de crescimento do PIB (%) – Brasil, Nordeste e Sergipe (1970 – 1980)

Anos	Brasil	Nordeste	Sergipe
1970-1973	12,4	13,9	17,2
1974-1980	7,0	6,6	7,4

Fonte: Acervo SUDENE (1970-84).

Em termos do Produto Interno Bruto (PIB), a tabela 1 revela para os anos de 1970 e 1973 um crescimento de Sergipe muito superior aquele apresentado no plano nacional e regional. A partir de 1974 já se evidencia um decréscimo em todos os níveis, entretanto, o estado ainda mantém um índice maior do que o nacional e o regional.

Os números do desenvolvimento refletiram-se no volume de migração de retorno entre 1970 e 1980, quando 1.574 sergipanos voltaram para seu estado de origem em busca da prosperidade anunciada.⁷

Aqueles que não conseguiram se enquadrar na nova dinâmica econômica sergipana se viram excluídos tanto dos benefícios da industrialização quanto da urbanização. Sem emprego, sem formação adequada, sem terras, sem perspectivas e principalmente diante das longas estiagens do sertão, a migração para um novo horizonte que se abria ao sul do país se tornou a promessa de um novo tempo.

Tabela 2: Movimento migratório em Sergipe (1960-1980)

Anos	Entradas	Saídas	Saldo
1960-1970	27.011	89.731	-62.720
1970-1980	58.157	74.581	-16.424
1980-1990	55.978	42.213	13.765

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1970,1980,1991 Adaptado de MATOS, Elmer Nascimento; ESPERIDIÃO, Fernanda. Desconcentração Produtiva Regional e Fluxos Migratórios: o Caso de Sergipe. *Informe Gepec*, Toledo, v. 15, número especial, p. 525-545, 2011, p.528.

A tabela 2 mostra que nas décadas de 1960 e 1970 houveram saldos negativos entre o quantitativo de entradas e saídas de Sergipe. A reversão desse quadro só ocorreu na década de 1980, quando o saldo se tornou positivo.

Embora as saídas tenham sido computadas de forma geral nos censos demográficos do IBGE para Sergipe, ao buscar o mesmo instrumento no Paraná, identificou-se que parte daqueles que deixavam as terras sergi-

7 IBGE. Volumes Anuais de Migrantes de Retorno Interestaduais In: *Censo Demográfico*, 1970.



panas dirigiam-se para o sul do país, onde a prosperidade da agricultura canavieira no Norte do Paraná evocava promessas de uma vida melhor.

Norte Novo do Paraná: um horizonte promissor

O Norte do Paraná despertou o interesse da cafeicultura paulista no início do século XX, uma vez que além de apresentar terras e clima propícios ao cultivo do produto, os incentivos públicos da política econômica, a disponibilidade para a aquisição de terras através de compras facilitadas e ferrovias que favoreciam o escoamento da produção no Porto de Santos, atraíram colonos e lavradores.⁸

Em seu auge a cafeicultura paranaense atraiu pessoas de dentro e de fora do país, fosse para investir em terras no Estado ou à procura de trabalho e melhores condições de vida. O café trouxe povoamento, modernização e dinamizou os transportes e as comunicações.⁹

O momento de grande apogeu da cafeicultura paranaense ocorreu na década de 1960, quando era responsável por 55% da produção nacional. Seu desenvolvimento em médias e pequenas propriedades representou um diferencial em relação ao latifúndio tradicional, atraindo um grande fluxo migratório de fora do estado.¹⁰

A crise da cafeicultura entre o início e meados dos anos de 1970, em função do excesso de oferta e concorrência da África e da Colômbia, além de fatores climáticos desastrosos como uma prolongada geada, impôs o processo de modernização agrícola no estado do Paraná, incidindo na diversificação das culturas e na transformação da técnica de produção agrícola.¹¹

A modernização agrícola terminou por alterar a estrutura fundiária no Paraná, favorecendo a concentração de terras, o êxodo rural, o desemprego e as migrações do campo para as cidades.¹²

Mesmo diante do contexto de desenvolvimento econômico pouco animador, a região Norte Novo do Estado do Paraná, compreendendo de Cornélio Procopio ao rio Ivaí, colonizada entre 1920 e 1950, foi um polo atrativo de sergipanos na década de 1970.

Na figura 1, observamos o destaque colorido no mapa referente às regiões e microrregiões que receberam maior número de migrantes nordestinos e mineiros, entre os anos de 1940 a 1970.

8 PRIORI, Angelo *et al.* *História do Paraná: séculos XIX e XX*. Maringá: EDUEM, 2012, pp.94-95.

9 Idem, *ibidem*, p.102.

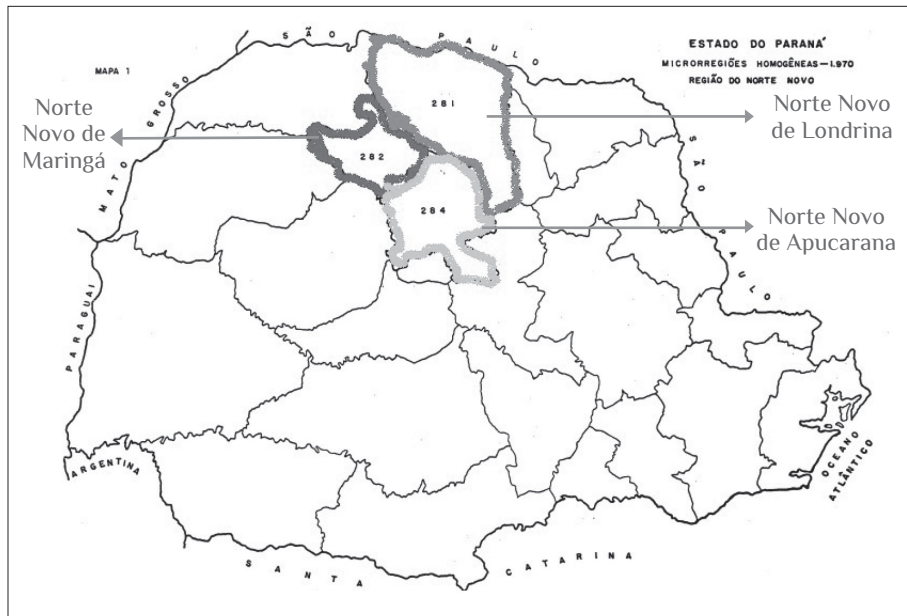
10 Ibid, p.105.

11 Ibid., p.120-122.

12 Ibid., p.124.



Figura 1: Mapa do Estado do Paraná – Microrregiões homogêneas – Região Norte Novo



Fonte: PERARO, Maria Adenir. *Estudo do Povoamento, Crescimento e Composição da População do Norte Novo do Paraná de 1940 a 1970*. Dissertação de Mestrado em História. Curitiba: UFPR, 1978, p.21.

Nesse sentido, salientamos que o início da ocupação intensiva do Norte do Paraná advém da política de povoamento incentivada pelo governo e assumida pela Companhia de Terras Norte do Paraná¹³. Também foi exitosa a iniciativa da Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda. com capitais japoneses.¹⁴

[...] o sistema de colonização adotado pelo governo do Estado do Paraná, executado pela administração estadual através de Departamentos incumbidos do povoamento das terras do norte paranaense e Companhias particulares veio resultar no avanço das frentes de expansão e fixação da população em terras devolutas e desabitadas. O avanço das frentes de expansão processado ao longo do espigão divisor entre as bacias dos rios Ivaí e Paranapanema deve-se à Companhia de Terras Norte do Paraná e, após 1945, com a instalação da colônia Paranaíba, ao governo do Estado.¹⁵

13 Em 1951, a Companhia passou a ser denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

14 PERARO, Maria Adenir. *Estudo do Povoamento, Crescimento e Composição da População do Norte Novo do Paraná de 1940 a 1970*. Dissertação de Mestrado em História. Curitiba: UFPR, 1978, p.29;31.

15 Idem, ibidem, p.33.

O processo de loteamento rural e urbano para fixação de residência, de abertura de estradas e fomento à agricultura cafeeira, após 1951, se diversificou sob o comando da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná que se dedicou a novos empreendimentos como: a organização da Empresa Elétrica de Londrina; a Companhia Agrícola Usina Jacarezinho, responsável pela produção de açúcar; a Companhia de Cimento Portland Maringá, localizada em Itapeva (São Paulo) e produtora de material ferroviário; a Companhia Brasileira de Material Ferroviário (COBRASMA), que produzia vagões e outros equipamentos para ferrovias; a Marítima, Companhia de Seguros Gerais; a Forjas Nacionais, FORMASA - Produtora de tubos galvanizados e a Brasileiros - produtora de peças forjadas.¹⁶

Entre as décadas de 1950 e 1960, houve o desmembramento de vários municípios do Norte Novo do Paraná, com grande crescimento demográfico evidenciado nos censos realizados naquele período, sendo Londrina e Maringá, aqueles com maior concentração. Assim, Londrina que possuía em 1960, 134.821 habitantes, passou para 1974 com 228.101 habitantes. Enquanto Maringá passou de 104.131 em 1960 para o quantitativo de 121.374 em 1970, mesmo tendo a redução de seu território com o desmembramento dos municípios de Floresta, Paiçandu e Ivatuva.¹⁷

Os censos demográficos realizados pelo IBGE no estado do Paraná, em 1970, revelaram que a população do estado era composta por 6.929.868 habitantes, sendo que a parte referente ao Norte Novo abrigava 1.466.858 pessoas.¹⁸

Tabela 3: Habitantes do Norte Novo, naturalidade e sexo.

Procedência	Homens	Mulheres	Total
Sergipe	4. 245	2.971	7. 216

Fonte: IBGE. *Censo Demográfico do Paraná, 1970*

Como se pode observar na Tabela 3, fundamentada no *Censo Demográfico do Paraná (1970)*, o Norte Novo do Paraná recebeu 7. 216 migrantes sergipanos, entre os quais, 4.245 foram identificados como homens e 2.971 como mulheres.

E, embora a migração de sergipanos para o Norte Novo do Paraná, em 1970, não tenha alcançado ou ultrapassado o número de 10.000 habitantes, apresentou um volume maior do que as migrações oriundas da

16 Idem, *ibidem*, p.47-48.

17 *Ibid.*, p.69.

18 IBGE. *Censo Demográfico do Paraná, 1970*.



Guanabara (RJ) com 867, Rio Grande do Sul com 4.015, Mato Grosso com 1.643, Goiás 722 e Distrito Federal com 169 habitantes migrados.¹⁹

Sergipanos no Norte Novo do Paraná: Expectativa x Realidade

O censo demográfico realizado em 1970 em Sergipe computou o total de 900.679 habitantes no estado, estando 183.670 pessoas residindo na capital Aracaju.²⁰ Com base nesses dados, tem-se pouco mais de 0,8% de migrantes sergipanos para o Norte Novo do Paraná nesse período.

Observou-se que nesse período, os estados da região Nordeste que apresentaram o maior fluxo migratório para o Norte Novo do Paraná foram: a Bahia (43.542 habitantes), Pernambuco (25.001), Alagoas (14.236) e Ceará (11.170). Sergipe (7.216) ficou com a quinta colocação, à frente da Paraíba (4.994), Rio Grande do Norte (1.705), Piauí (1.239) e Maranhão (176).²¹ Sob esse aspecto a

[...] Região Nordeste, está situada em terceiro lugar como propulsora da população migrante tanto para a Região do Norte Novo como para o Paraná, com 41.337 e 134.479 pessoas, respectivamente.²²

Cabe salientar que houve uma significativa mudança no padrão das migrações nacionais a partir da década de 1970, quando [...] São Paulo perdeu peso relativo na distribuição da imigração nacional: de 33,9% para 25,2%.²³ Essa redução está relacionada a perda da concentração paulista sobre a indústria de transformação nacional, diminuindo sua participação econômica e criação de novos postos de trabalho.

Em Maringá o fluxo de migrações do Nordeste contribuiu, nos anos iniciais de povoamento, para sua concentração na Vila Operária. A partir de 1960 o Jardim Alvorada se tornou seu espaço de recepção e reconfiguração identitária.

O bairro, inicialmente com casas de madeira, distante do centro, sem asfalto, foi construído para a classe trabalhadora, com condições de financiamento à longo prazo para a obtenção da casa própria atraindo pessoas de baixa renda, e sendo composto em sua maioria por migrantes do Sudeste e em segundo lugar por migrantes do Nordeste.

19 Idem, *ibidem*.

20 IBGE. *Censo Demográfico de Sergipe*, 1970.

21 IBGE. *Censo Demográfico do Paraná*, 1970.

22 PERARO, Maria Adenir. *Op. cit.*, p.120.

23 BAENINGER, Rosana. *Novos Espaços da Migração no Brasil: Anos 80 e 90*. pp.1-28. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1416/novosbrasilianos80e90.pdf, acesso em: 15/01/2018, p.2.

Segundo o censo de 2010 realizado pelo IBGE, no Jardim Alvorada I e II dentre as pessoas que são migrantes de outras regiões e Estados tem-se 5.181 pessoas sendo: Centro Oeste 6% (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins), Nordeste 11% (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e **Sergipe**), Norte 2% (Pará e Rondônia), Sudeste 76% (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), Sul, exceto Paraná 5% (Rio Grande do Sul e Santa Catarina).²⁴

Tendo em vista que é costumeiro encontrar, ao longo do século XX, intensos fluxos migratórios da região Nordeste para a região Sudeste e, particularmente, para os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, as novas oportunidades que a diversificação da economia do Norte Novo do Paraná apresentou na década de 1970 propiciaram uma escolha geográfica distinta mediante a perspectiva de melhores emprego e renda.

Muitas vezes os sonhos de uma vida próspera em outras terras naufragaram com a própria dinâmica capitalista de exclusão daqueles que não possuíam maior escolaridade ou especialização técnica, mantendo-os a condições precárias de trabalho e somente possibilitando a fixação de residência em bairros marginalizados.

Entretanto, são construtores daquele espaço, que trabalharam nas empresas que urbanizaram a geografia (eletricidade, transporte, comércio) e a economia, criando uma teia de memórias que embora muitas vezes termine obscurecida – pela presença de imigrantes europeus supervalorizados – resistem na oralidade, nas tradições imateriais (festas juninas e comidas típicas) e na materialidade do nome de ruas, à exemplo da “Barão de Sergipe”.

Antes de passarmos às considerações finais, torna-se oportuno asseverarmos que os processos de deslocamento das populações são muito mais complexos do que se pretende expor nessa breve reflexão, pois envolvem transformações sociais e culturais incitadas pela desterritorialização que, por sua vez, provoca uma nova regionalização que implica também as trocas culturais e mudanças nas práticas costumeiras como bem o lembra Haesbaert (2003)²⁵. Ademais, o reordenamento territorial dos migrantes nordestinos no estado do Paraná, pressupôs, não apenas o processo de desterritorialização dos indivíduos, mas a pluridirecionalida-

24 MANSANO, Cleres do Nascimento. *O Bairro do Jardim Alvorada em Maringá/PR: da colonização à expansão urbana*. Tese de Doutorado em Geografia. Maringá: UEM, 2013, p.160, grifo nosso.

25 Para aprofundar essa problemática consultar R. Haesbaert, R. Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização e também o texto “Para pensar uma política nacional de ordenamento territorial”, publicado nos. *Anais da Oficina sobre a Política Nacional de Ordenamento Territorial*. Brasília (nov./2003):Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional (SDR). – Brasília: ML, 2005.



de dos habitantes nacionais que se dirigiram para Maringá e para a região circunvizinha no período em questão²⁶. Sem dúvida, os fluxos migratórios, as adaptações dos migrantes e dos imigrantes provocaram o deslocamento dos sujeitos tal qual sugere Bhabha(2013)²⁷, e ainda, produziram outras perspectivas de vida para essas pessoas e para aquelas com as quais passaram a conviver.

Considerações finais

Mesmo com a descentralização industrial dos anos de 1970 e o favorecimento de Sergipe no setor petroquímico, a exclusão de parte de seus residentes impulsionou-os a buscar novas oportunidades em outra geografia.

O movimento migratório dos sergipanos na década de 1970, classificado como de “longa distância”, encontrou como uma alternativa de absorção o Norte Novo do Paraná por naquele momento se configurar como uma importante fronteira agrícola com São Paulo.

A diversidade econômica e as políticas de loteamento de terras favoreceram o interesse por um espaço de tão distintas tradições culturais (climáticas, gastronômicas, arquitetônicas).

Apesar das expectativas criadas com o processo de migração, as condições de formação desfavoráveis fazem com que muitos desejos almejados sejam frustrados ao longo do caminho e o processo de exclusão socioeconômica se reproduza na territorialidade de destino. Coincidindo ainda com uma tentativa implícita de se apagar a memória de nordestinos que contribuíram para a economia e a urbanização do Norte do Paraná, uma vez que a memória dos pioneiros europeus é exaltada como aquela que agrega *status* cultural.

Entretanto, a presença dos Nordestinos e dentre eles, dos sergipanos, corporifica-se nas residências de bairros periféricos, nas placas de nomes de ruas desses bairros, em momentos comemorativos das cidades (à exemplo do desfile cívico ocorrido em maio de 2013 que elegeu como tema “Do Sertão para Maringá” que homenageou a contribuição dos migrantes das regiões Norte e Nordeste na “aventura de colonização do Norte Novo”) e muitos outros.

Desse modo, o estudo dos fluxos migratórios, através de instrumentos censitários que favorecem a demografia histórica, permite acompanhar

26 O conceito de “desterritorialização” pode ser problematizado também por meio do artigo “A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari”, de autoria de Glauco Bruce e Rogerio Haesbaert. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/74/72>, acessado em 25/abril/2018.

27 Bhabha, Homi. *O local da cultura* (tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves - 2. Ed.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.



os passos de sergipanos que deixaram a terra natal em busca de outras possibilidades de existência.

Os dados específicos do IBGE, IPEA, SUDENE, dentre outros, para regiões e municípios específicos permitem traçar o reordenamento espacial que incluiu os sergipanos na década de 1970, saindo da obriedade das migrações para São Paulo e Rio de Janeiro ou mesmo dos números gerais que não informam o destino dos migrantes.

Os mapas estatísticos dos censos configuram fontes importantes para os estudos migratórios e sua investigação em diversas bibliotecas, hemerotecas e institutos se torna fundamental para historiadores que desejam encontrar nos arquivos o conhecimento sobre as trajetórias humanas.

